14:40 70%

_ SEG_ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Eliz Lyra (quinzenal) _ Inaiá Sartara (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal)
_ TER_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Dalvarta (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX_ Vera Magalhães _ Fábio Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM_ Merval Pereira _ David Hanazaki _ Bernardo Mello Franco

ELIO GASPARI

blogs.oglobo.globo.com/aprimeira
editoria.artigos@oglobo.com.br

A irresponsabilidade de Lula

Ao mandar Jair Bolsonaro para casa, o Brasil parecia ter se livrado de um encosto. Durante a pandemia, esse espírito duvidava da vacina, sugeria que o vírus da Covid-19 havia sido fabricado na China e exaltava a cloroquina. Lula recolocou o Brasil nos eixos na questão ambiental e atravessou o mundo para resgatar o encosto, escorregando na casca de banana de Gaza.

Nesta semana, em Adis Abeba, ele disse que "o que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus". Com isso, abriu uma crise e foi declarado *persona non grata* pelo governo de Israel.

Lula já havia costeado o alambrado dias antes, no Cairo, com duas frases:

— O Brasil foi um país que condenou de forma veemente a posição do Hamas no ataque a Israel e o sequestro de centenas de pessoas. Nós condenamos e chamamos o ato de "ato terrorista".

Falso. O ataque do Hamas aconteceu no dia 7 de outubro. Cinco dias depois o Itamaraty informou que a classificação do Hamas como organização terrorista competia à ONU. Posteriormente é que falou em terrorismo.

Lula acrescentou:

— Não tem nenhuma explicação o comportamento de Israel. A pretexto de derrotar o Hamas, está matando mulheres e crianças, coisa jamais vista em qualquer guerra que eu tenha conhecimento.

Ressalvada a falta de conhecimento, essa afirmação foi um exercício de retórica amparada na ignorância.

A fala de Adis Abeba teve a ver com a classificação do comportamento de Israel em Gaza como "genocídio". Que as tropas de Benjamin Netanyahu cometem crimes de guerra, é certo. Genocídio é outra coisa, é um ato deliberado de exterminar um povo, esteja ele onde estiver.

Em junho de 1944, com a guerra perdida, os alemães capturaram os 400 judeus que viviam na Ilha de Creta. Naquele mês, o brasileiro Benjamin Levy, a mulher e a filha foram presos em Milão e deportados para o campo de Bergen-Belsen.

Lula já disse que Napoleão foi à China e que os americanos derrubaram Dilma Rousseff de olho no petróleo do pré-sal:

— É preciso que [*o petróleo*] esteja na mão dos americanos porque eles têm que ter o estoque para guerra. A Alemanha perdeu a guerra porque não chegou em Baku, na Rússia, para ter acesso à gasolina.

A Batalha de Stalingrado terminou em fevereiro de 1943, quando os alemães já haviam sido contidos em Moscou, os Estados Unidos estavam na guerra e haviam quebrado a perna da marinha japonesa. Se os alemães chegassem a Baku, pouca diferença faria. Eles não perderam a guerra por falta de gasolina.

Vale lembrar que a Segunda Guerra também não acabou porque os americanos tinham mais gasolina. Ela acabou depois das explosões de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, que ficaram prontas em 1945.

De onde Lula tira essa ideias, não se sabe, mas, em seu terceiro mandato, ele se move na cena internacional com uma onipotência aplaudida por áulicos e venenosa para a diplomacia brasileira.

Durante seu primeiro ano deste mandato, firmou-se como um chefe de Estado excêntrico. A fala de Adis Abeba temperou a ignorância com irresponsabilidade.

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

Netanyahu não quer desculpas

Lula errou ao citar o Holocausto em declaração sobre a matança de palestinos em Gaza. O nazismo escreveu um capítulo único na história da desumanidade. Não é preciso invocar o extermínio de 6 milhões de judeus para criticar as práticas do governo de Israel.

A crise poderia ter sido contornada com uma retratação rápida. Isso não ocorreu, e agora o caminho foi bloqueado pela reação de Benjamin Netanyahu e seu gabinete de extrema direita.

Ainda no domingo, o premiê israelense disse que as palavras de Lula eram "vergonhosas e graves" e apelou ao acusar o brasileiro de "tentar prejudicar o povo judeu". Até aí, era chumbo trocado entre dois políticos que não podem ser acusados de inexperiência.

A situação se agravou após o governo israelense convocar o embaixador do Brasil em Tel Aviv. A reunião se revelou uma armadilha. Em vez de ouvir queixas, o diplomata Frederico Meyer foi submetido a um ritual de humilhação.

Numa quebra de protocolo, o brasileiro foi levado ao Museu do Holocausto, onde o ministro Israel Katz fez uma imprecação contra Lula em hebraico. O chanceler usava um microfone na lapela, uma evidência de que planejou a cena para causar barulho nas redes.

Sem repetir o espetáculo, o Itamaraty avisou ao embaixador israelense que Lula não pediria desculpas. Tel Aviv dobrou a aposta na radicalização. Um perfil oficial do governo acusou Lula de negar o Holocausto, o que não aconteceu, e o ministro Katz afirmou que a fala do presidente foi "um cuspe no rosto dos judeus brasileiros". Declarações "inacetáveis e mentirosas", reagiu ontem à noite o chanceler Mauro Vieira.

Não é difícil constatar que Lula tem menos a ganhar com o imbróglio do que Netanyahu. No front externo, o presidente prejudicou sua pretensão de se apresentar como mediador de conflitos. No interno, sua incontinência verbal deu munição para os bolsonaristas saírem da defensiva. A deputada Carla Zambelli lançou o factoide de um pedido de impeachment por "ato de hostilidade contra nação estrangeira, expondo a República ao perigo da guerra".

Questionado em seu próprio país, Netanyahu se viu presenteado com a miragem de um inimigo externo. Para ele, esticar a crise é muito mais útil que ouvir um pedido de desculpas.

ARTIGO

Quem cuida dos judeus do Brasil?

JACK TERPINS

Desde 7 de outubro de 2023, os judeus do mundo não dormem em paz. As imagens daquele dia ainda invadem nossa mente quando fechamos os olhos, associamo-nos à dor das famílias que aguardam o regresso dos reféns vivos ou mortos que ainda estão em Gaza. Embora o horror tenha ocorrido a milhares de quilômetros de nossas casas, no Brasil o medo também bate à porta.

Há pouco, o presidente Lula declarou que a situação em Gaza era comparável à de "quando Hitler decidiu matar os judeus". Isso é, para todos os efeitos, um reducionismo perigoso e uma comparação totalmente imprecisa. Para compreendê-lo, é preciso entender um pouco melhor o que foi o Holocausto, um acontecimento único no gênero, a tal ponto que mereceu um termo próprio no final da década de 1950, quando ainda não havia palavras para definir tal horror.

Comparar o Holocausto à atual crise em Gaza é uma falácia e um desrespeito às vítimas. A Shoah, termo em hebraico, foi um plano sistemático que visava a aniquilar todo o povo judeu. Reduzir um plano complexo que incluía a construção de campos de concentração e extermínio a uma simples "decisão de Hitler" é ignorar a responsabilidade não apenas de outras altas autoridades do Partido Nazista, mas de todo um povo que optou por desviar o olhar, enquanto os judeus eram assassinados.

Também no Brasil muitos parecem "olhar para o outro lado" enquanto o antissemitismo se agrava em esferas do governo e da sociedade. Além das recentes declarações do presidente, há cerca de um mês a comunidade judaica foi sacudida com as palavras do ex-deputado José Genoíno — muito próximo de Lula — para "boicotar empresas de judeus". Continuemos por um momento com as lições de História: você sabia que o boicote às lojas e aos negócios judaicos foi uma das primeiras medidas adotadas pelo regime nazista, que culminou no Holocausto?

Holocausto foi um acontecimento único, a tal ponto que mereceu um termo próprio no final da década de 1950, quando ainda não havia palavras para definir tal horror

Infelizmente não houve resposta ou repúdio por parte do atual governo a essas declarações deploráveis e perigosas. Pelo contrário, Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego, e Paulo Teixeira, ministro da Agricultura, defenderam Genoíno depois da resposta da comunidade judaica.

O Brasil teve um papel preponderante na criação de Israel. O diplomata Oswaldo Aranha articulou e presidiu a sessão que deu a origem ao Estado judeu. O país abriga uma das maiores e mais vibrantes comunidades judaicas do mundo. Muitas famílias vieram da Europa, fugindo da pobreza e do horror do antissemitismo. Conseguiram crescer, com a segurança e a tranquilidade de uma região onde a convivência sempre foi a norma, e não a exceção. Contudo as mesmas portas parecem estar fechadas. Enquanto isso, continuaremos sem dormir em paz. Quem cuida dos judeus do Brasil? Infelizmente, hoje não temos certeza da resposta.

Jack Terpins, engenheiro, é presidente do Congresso Judaico Latino-Americano